
A mãe de todas as bombas

Alceu A. Sperança

O fantasma da guerra assombra os povos cujos líderes os meteram em conflitos. Sempre que as crises se agravam, surgem as “soluções” radicais fantasiosas que prometem ora o céu em troca de suco de laranja envenenado, ora a paz dos cemitérios para a manutenção da ordem. Matar como solução.

Em meio ao falatório de bombas táticas e bravatas de ação furiosa, 60 mil moradores de Frankfurt deixaram os lares no domingo passado para aguardar o desarme de um restolho da II Guerra. O Brasil, que só entrou nela nos últimos dias, enviando soldados – os pra-cinhas – ao exterior, jamais sofreu impactos diretos das guerras mundiais, seja com bombas detonadas ou ainda ativas.

Em compensação, sofre séculos de governos que não só explodiram o povo brasileiro, a começar pelo ainda incensante genocídio praticado com os índios, como também deixaram bombas a explodir diariamente, aniquilando o potencial da nossa gente humilde de superar as graves mazelas que a afligem – a miséria, a semiescavidão, a crêdula ignorância, a infraestrutura minada pela incompetência.

A Confederação Nacional do Transporte (CNT) revela que o Brasil sofre os efeitos de uma bomba de efeito contínuo, estourada a cada minuto sob nossos pés: o País ainda usa o mesmo método de pavimentação de 1960. De lá para cá, nenhum governo teve competência para atualizar os procedimentos. As estradas brasileiras estão erradas desde o projeto: o dito método não incorpora os avanços sobre o comportamento da pavimentação, deixando de prevenir os danos que o tempo acarre-

ta ao asfalto.

Mais velha, a bomba da dívida pública foi armada muito antes, lá na “Independência”. O Brasil foi obrigado a ficar dependente de empréstimos lesivos ao povo tomados junto a banqueiros sanguessugas para socorrer Portugal, reino falido por guerras liberais ainda sem bombas atômicas.

A dívida teve um salto violento na ditadura e não parou de crescer. Drena as energias nacionais à medida que se aproxima de igualar o PIB. O brejo em que o Brasil se atolou após a tosse da vaca dilmolulista veio da incapacidade para enfrentar a crise de 2008, a pior do capitalismo, a mãe de todas as bombas, agravada aqui por duas bombas retardantes armadas pela ditadura.

Uma, o declínio do PIB a partir de 1980: depois de crescer bem, à média anual de 5,56% no período 1901-1980, desabou nos últimos 36 anos para 2,19%, segundo o professor Rubens Penha Cysne, da Escola Brasileira de Economia e Finanças. Outra, a estagnação da produtividade do trabalho aqui, enquanto a coreana triplicava e a chinesa se multiplicava por dez.

A bomba da educação precária explode a cada minuto e implode o potencial do País. A da “reforma trabalhista” é mais uma vigarice. Para o desembargador Gustavo Tadeu Alkmin, do TRT/RJ, a flexibilização à europeia “não nos mostra redução do desemprego nem trará a previsibilidade e a segurança jurídica almejada pelos empresários”. Bombas e estelionatos eleitorais e governamentais, alguns em explosão, outros em vias de explodir.

Mais velha, a bomba da dívida pública foi armada muito antes, lá na “Independência”